



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

12 de Agosto de 2000 • Ano LVII - N.º 1472  
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa  
Tel. (255) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

## Padre Horácio cinquenta anos de Sacerdócio

**A**MANHÃ, 13 de Agosto, é o dia em que os perfaz. Ia a escrever: faria. É a tendência natural de quem tem ainda os pés na terra e fala a linguagem do Tempo. Como se a morte interrompesse a Vida, a Vida a que Padre Horácio passou pela morte, enxertada na vida que num dia de Janeiro de 1924 foi dada à luz do mundo e não acaba mais! Vida em que agora está plena e definitivamente, assim o cremos, mas em que estava já desde o seu Baptismo e em que permaneceu habitualmente e cresceu pelo seu zelo na correspondência à Graça. «Feliz o servo que o Senhor encontrar vigilante quando vier!» Assim foi encontrado: cumprindo com a simplicidade que lhe era peculiar, um acto da sua vida de Padre da Rua.

Amanhã seria — aqui, sim, tem cabimento o condicional — uma festa grande, sobretudo na Casa de Miranda do Corvo, festa que as gerações de Rapazes que ele ali criou e depois acompanhou na vida, projectavam dedicar-lhe, com a comunidade actual, esta, naturalmente, menos consciente do significado da celebração e da riqueza do dom que a motivava. Ele, mesmo não sendo de festas e da movimentação que elas sempre envol-

vem, ficaria contente por vê-los reunidos em volta de si, retribuindo-lhe em amizade e reconhecimento, algo do muito que lhes deu. Agora a festa será, com certeza, uma Eucaristia mais sentida e em esforço de união maior do que habitualmente somos capazes, à Eucaristia celestial em que ele está presente.

As suas Bodas de Ouro sacerdotais coincidem, praticamente, com as de Padre da Rua. Já do Seminário ele vinha indigitado para esta missão, o que era do conhecimento e não estava fora dos propósitos do seu Bispo — e D. Ernesto consumou no Setembro seguinte. Lembro-me de que estava ainda em férias no Tojal, prestes a entrar na Teologia, quando a notícia chegou. Conhecemo-nos algum tempo depois, nos Olivais, aonde ele foi visitar-me.

A ocasião não era especialmente favorável à adesão à Obra da Rua. A purificação eclesial de Pai Américo não tinha terminado de vez e conhecería um pouco mais tarde um novo pico. Eu quero dizer com esta expressão sublinhada — e com todo o respeito e compreensão o digo — que havia ainda entre o clero reservas ao modo de ser tão característico de Pai Américo e,

talvez, algumas dúvidas sobre a sua ortodoxia. Era o fim dos anos quarenta, estávamos em 1950 e a lufada do Vaticano II ninguém a previa. Curiosamente, providencialmente, nunca esta suspeição se fez sentir ao nível dos Bispos com quem Pai Américo estava mais relacionado. Da ortodoxia não tinham eles a menor dúvida. Do carisma, ainda que o não entendessem completamente, acreditavam nele — a graça de estado!

Em Miranda do Corvo, em pouco tempo, tinham passado dois Padres que saíram por nada que desabonassem a sua qualidade sacerdotal. Um é vivo e embrenhado ainda nas tarefas da messe — o Amigo querido que foi, justamente, o intermediário da minha entrada na Obra. O outro já faleceu e, sempre doente, cumpriu generosa e excelentemente até ao fim as missões de que o seu Bispo o incumbiu. Ambos constituem para nós uma lição viva de que a Obra, posto não seja nem esteja para ser Instituto eclesial autónomo, postula no entanto uma vocação específica que Deus dá a quem quer, quando quer. Os talentos nunca são demais, mas não suprem a exigência de um chamamento próprio.

Padre Horácio tomou o seu posto na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo com os ouvidos cheios de prevenções amigas e prudentiais: «Olha em que te metes! Vê lá, se não te achares bem, tens um Bispo, tens uma Diocese!» Ele ouviu e não tremeu. Veio e viu, como «naquele tempo os Apóstolos

Continua na página 4



## MOÇAMBIQUE

### O futuro dos nossos rapazes

**P**ASSARAM os dias felizes como nunca experimentáramos nesta Casa, da Ordenação presbital e «Missa Nova» do nosso Padre Custódio. Para ele todas as atenções e disponibilidade de tempo. Dias intensos em que Deus encheu da Sua presença o ar que respirávamos. Foi mesmo um Céu aberto, até na própria Capela, completamente cheia, mas ainda sem cobertura. A evocação de Pai Américo, na homilia de Padre Carlos, adensou mais ainda o ambiente espiritual nesta hora de bênção para a Casa e toda a Obra da Rua.

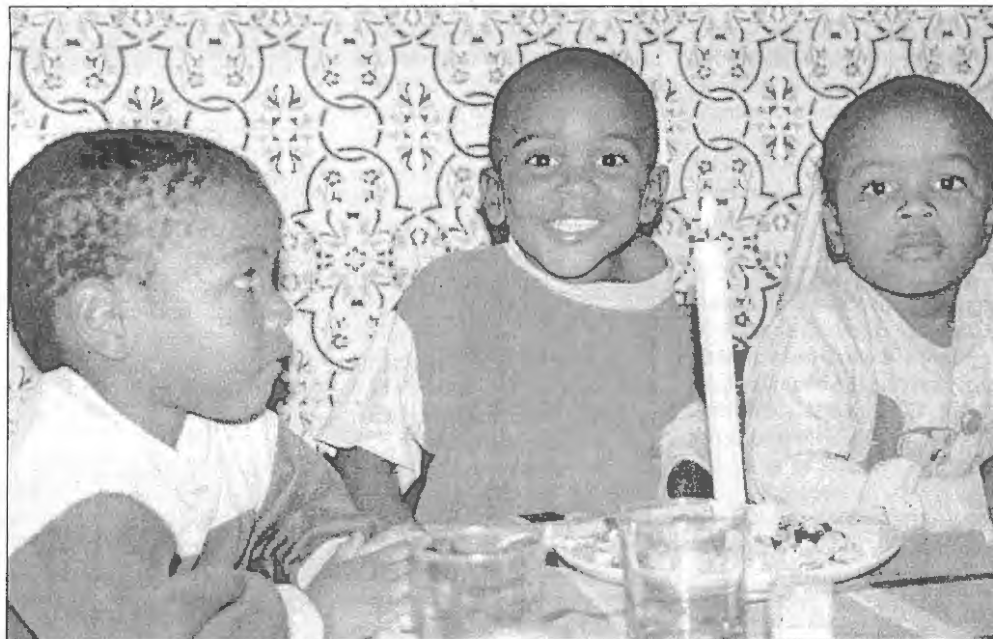
Quando tudo voltou à normalidade com a partida de Padre Custódio para Benguela e Padre Carlos para Portugal, saíram daqui para a nossa Casa do Bilene os rapazes na casa dos dezoito a vinte anos. Dois dias, com o propósito bem esclarecido de nos ajudarmos mutuamente a aprofundar o auto-

conhecimento e levar cada um a situar-se perante o seu futuro, que urge assegurar.

Interrogações simples, desdobradas em muitas outras para descobrirem as suas limitações e exprimi-

rem os seus anseios que sempre ultrapassam aquelas, face à vida da sociedade em mudança que os espera.

Na realidade estamos intranquilos. Por um lado os desequilíbrios que trouxe-



Em dias de aniversário é sempre assim, em todas as nossas Casas, aqui ou além-mar.

ram da rua, por alguns anos latentes em cada um, acrescidos da experiência pesada na primeira infância, da miséria familiar que os lançou ao deus-dará. Por outro lado, uma qualidade de vida com um enriquecimento intelectual notório, mas que não será bastante para manter o equilíbrio alcançado.

Está visto que família não têm, mesmo afastada, o que

Continua na página 4

## CALVÁRIO

### O gemido de um Pobre

**V**IVIA num barraco, só e doente. Um carcinoma gástrico não lhe permitia alimentar-se devidamente. E as forças foram-se sumindo no corpo emagrecido, esquelético.

Os vicentinos da paróquia chamaram uma ambulância para que fosse conduzido ao hospital. Aqui não o acolheram, por se tratar dum simples «caso social». A mesma viatura regressou com ele ao barraco. O motorista, porém, não teve coragem de o «despejar» no antro inabitável que encontrou e tornou com o doente ao hospital.

Os Serviços Sociais daquela Unidade de Saúde telefonaram-me de imediato para que o recolhesse, pois era um caso a merecer cuidados. E acrescentaram: — Na terra do doente existe um Lar e com vagas, mas estas não são para Pobres como ele.

E o tio António entrou no Calvário, já que é morada para aqueles que ninguém aceita, quando a doença não tem cura e diante dela todos se demitem.

Estou ao lado deste pobre doente acamado. Apresenta momentos de agitação e pausas de serenidade.

Procuo na Escritura uma situação semelhante e o profeta Elias vem-me ao pensamento. Também ele foi um escorraçado pelos homens do seu tempo. Fugiu pelos montes e foi deitar-se à sombra dum junípero, pedindo a morte. Um anjo veio alimentá-lo

Continua na página 4



# Malanje

Luanda — 12/06/2000

## O Magalhães

MAGALHÃES, de 15 anos, franzino, o branco dos olhos dá-lhe um ar meigo. Sempre que venho a Luanda ele me procura. Hoje acompanhou-me no começo dos meus recados — e fomos falando.

É malanjino e veio à procura duma tia que não mais encontra. O pai não sabe dele. Um rapaz já seu conhecido de Malanje, deu-lhe abrigo à noite. De dia, ao deus-dará.

Conheci em Malanje o seu modo de vida: Um adulto desonesto trazia-o a

pedir medicamentos às Irmãs, servindo-se de receitas falsas.

Que está emendado. Que deseja ir para a nossa Casa, nem que seja para a Carianga.

Que quer estudar. Que... Que... Os *ques* que ele inventa movido pela fome a sair dos ossos até ao branco dos olhos!

Enquanto me desvio dos charcos de esgoto e dos buracos, as palavras do Magalhães batem cá dentro e fico perplexo e indeciso. Difícil definir uma linha. Cada um é um.

— Se quiseres fazer uma experiência na Carianga... Atirei, como quem, camba-

leando, salta um buracão e, a custo, se equilibra do outro lado.

Ele que sim, arranjaria boleia no próximo sábado.

E assim chegámos à rotunda da Maianga onde o Carlitos me esperava para me ajudar nos recados do dia.

16/06/2000

## A morte redimiou o Simão

O DANIEL veio ter comigo a Luanda para levar o nosso *jeep* que esteve no concerto. Logo de entrada, deu a notícia da morte do Simão.

O Simão tinha saído de Casa por roubar e andava pelas ruas a seu belo prazer. Difícil este Simão!

Dois rapazes brincavam com uma granada, esta

explodiu e atingiu o Simão que foi parar ao hospital.

Não sendo ele já da nossa Casa, os seus companheiros, solidários, levaram-lhe roupa e, todos os dias, comida. Gostei.

No dia 13, já noite, pediram para que no dia 14 fosse um grupo para dar sangue. Ofereceu-se o grupo, mas, quando chegou, o Simão tinha morrido.

Trouxeram-no para Casa e foi sepultado ao lado dos gaiatos falecidos.

A morte redimiou-o. Ficou nosso outra vez... O Senhor perdoou ao Simão.

Meditemos, caros rapazes: Tantas vezes disse a ele e a muitos de vós que o roubo não conduz a qualquer caminho. Quem rouba e não se emenda, fica sempre um marginal.

— Arranje-me um emprego para um rapaz que está a passar mal — pedi a um amigo, em Portugal.

— *Ele rouba?* — perguntou.

— Já tem roubado.

— *Então, não.*

18/06/2000

## Caminho longo e difícil...

6 HORAS, 7, 8 e 9... Ao meio-dia uma sande... 14, 15 e 16 para com todas as calmas anunciarem: — *O voo está cancelado!*

A multidão sai e dispersa-se com suas malas, embrulhos e sua fome.

O povo-sofredor que, quotidianamente, arrasta a sua cruz.

Êxodo...

Dum lugar para outro lugar, ficando sem raízes! As árvores secaram. Só pelo milagre duma nova seiva poderão reverdescer. Folhagem de esperança onde os pássaros cantarão de novo. Cantarão?...

Caminho longo e difícil, pois a paz implica uma mudança radical das mentalidades; uma ordem moral; o enterro das ambições desenfreadas pelas riquezas.

Tão custoso, portanto!

Padre Telmo

## DOCTRINA



A Luz verdadeira vem de Deus.  
As obras do mundo são trevas.

NA igreja dos Clérigos todos escutam o recado e responderam com oitenta notas de vinte, oito de cinquenta e oito de cem, uma de quinhentos, um anel de ouro, um cordão, idem, um vale de cinco quilos de café e uma pancadaria de moedas de todos os quilates, como é uso lançar-se nos fundamentos. Não ficou a dever nada às mais igrejas — cinco contos e quê. No final das Missas acode um mundo de gente à sacristia, contar histórias da criança sem pais, trazendo algumas pela mão. Que tragédia! Que grande desmoronar! Mais quatrocentos na igreja de Cedofeita; mais duzentos e cinquenta, de um visitante; mais vinte; e mais vinte. São carreteiros de pedras. Venham mais. Estiveram há dias uns senhores a ver e deixaram cartões com nomes extensos e galantes. De que servem? As casas não são de papelão! No Depósito dos Clérigos, vinte; e mais, idem; e mais um pacote; e mais um dito; e mais leitura infantil. Os garotos fazem clube no nosso refeitório, à noite, interessados. Mais um envelope. Abri. Dentro vinha assim: «*Dinheiro de um mês de uma criada de servir da Foz do Douro*». Era uma nota de cem! Isto é simples e formidável.

OUTRO caso: Eu vinha de companhia. Em frente aos Congregados aproxima-se alguém. É um homem novo. Muito nervoso, sem me fitar, dá-me uma nota do Banco e com ela um «*Sim, Padre. Trabalhe muito a favor dos humildes. As Crianças da rua são nossos filhos*». Este «*são nossos filhos*» é uma confissão estupenda! O senhor que me acompanhava, conhecia o homem. Trata-se de um industrial, dos muitos que não toleram o Padre e isso explica a atitude com que me falou. Que importa que deteste o Padre, se ama o apostolado dele?! Quantos, no mundo, dão glória a Deus pelas obras que outros praticam por amor, quantos!

DE uma vez, um senhor deu-me 500\$00 na rua. Vinha comigo um ex-condenado a pena maior. Observa e exclama: — *Se há gente tão boa no mundo porque tenho eu sido tão mau!*? E aquele viajante que entra num templo por mera curiosidade e sai de lá transformado, por observar a maneira piedosa como fizera a genuflexão ao altar o único homem que ali se encontrava! A Luz verdadeira vem de Deus. As obras do mundo são trevas. O Evangelho amaldiçoa o mundo. Cristo Jesus não manda orar pelo mundo, mas sim somente pelos que nele vivem.

E uma vez que chegou a maré de firmar estas doutrinas, deixa-me dar um recado ao Porto e como gostaria eu que as Emissoras o microfonassem três vezes, para ser bem compreendido! É que eu não posso aceitar as chamadas *festas de caridade* a favor da *Obra das Casas do Gaiato*. Não posso. Tenho sido solicitado para esse fim, amavelmente; continuo a ser; sê-lo-ei de futuro. Não posso. Só se eu perder o juízo. A Caridade não depende; não sujeita. Vive por si mesma — e vive de amor! Não precisa de festas. Chegaram mais dois gaiatos do Porto à Casa deles: são o Domingos e o Manuel. O «*Periquito*» vai comigo ao Porto como prémio do seu porte irrepreensível. Não era assim. Refilão, mentiroso, que males não trazia na alma este pequenino vadio da praia da Granja! E que bem poderia ter ele aprendido na praia da Granja? Ai mundo infeliz que sujas a água que os pequeninos bebem; e queres fazer festas a seu favor para sujares mais!

*O. Amín: 5!*

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)



Malanje — trabalho na horta.

## Uma carta

### Padre Horácio

«Recebi hoje O GAIATO, li, e fiquei passada com o desaparecimento do nosso Padre Horácio. Eu creio que não se deve lamentar a morte de um sacerdote que conseguiu passar a sua vida a viver o seu ideal: amar os Pobres, ajudá-los, fazer bem por amor e em nome do Senhor. Por isso não sinto tristeza, mas sinto falta... As poucas vezes que falei com ele, a conversa fez-me

bem. Ele agora descansa e segue a Obra com o mesmo amor. Vai ser uma alma a quem me vou poder dirigir nos meus problemas e o pensar nele há-de ajudar-me, estou certa.

Oxalá venha outro acudir como ele aos tugúrios! É uma Obra bendita para os Pobres e para aqueles que conseguem, de alguma maneira, ajudar.

Quero que saibam bem, todos, que uno as minhas preces às vossas, não a pedir misericórdia para ele, mas bênçãos para todos nós. E a mesma coragem nos vários Padres da Rua.

Assinante 31126»

### PRÓXIMO ENCONTRO

— Lembramos que, dentro de poucos dias, nos dirigiremos aos associados dando conhecimento de que o próximo Encontro será em 17 de Setembro, no qual incluiremos uma homenagem ao nosso Padre Horácio, já prevista antes da sua partida.

Manuel dos Santos Machado

## LAR DO PORTO

### CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

— Estamos no Ano do Jubileu, um tempo forte de Graça e de amor ao Pobre. Se queremos ter uma forte aliança com

Deus, primeiro temos de fazer essa aliança com o nosso semelhante.

Sentimos como é difícil fazer essa aliança na terra, porque, para muitos de nós, os Pobres, muitas vezes, são números para estatísticas.

Nestes tempos que correm, temos a tentação de esquecer a pobreza que nos rodeia, mas o Jubileu do ano 2000 só será verdadeiro se meditarmos seriamente esse sentir e viver, caso contrário não tem qualquer valor de justiça e de amor.

Deve ser, para nós, mais do que um ano de festejos, mas de amor e carinho.

Que bom seria que meditássemos no amor que o Senhor tem por nós — que tanto o ofendemos; e Ele que está sempre de braços abertos para nos perdoar. Que belo exemplo o

Pai nos dá: perdoa com amor ao seu semelhante.

Vamos, todos os cristãos, dar amor aos nossos irmãos mais carenciados, mostrando que o Ano Santo não é só para as grandes figuras da Igreja, mas para toda a comunidade cristã. Deve ser, em nosso humilde pensamento, um lugar no tempo de peregrinação; e uma *aspirina* para acalmar o coração dos homens, obrigando-os a pensar mais e melhor no problema da pobreza. O Jubileu é, por natureza, um pouco para alertar a consciência dos homens, na meditação e na oração.

Não esqueçamos que o Pobre é nosso irmão. Não existe Jubileu em nossos corações se não levamos muito a sério a palavra do Senhor nosso Deus: *Amai os Pobres*.

### CAMPANHA TENHA O SEU POBRE

— Assinante 33275, um cheque da C.G.D.; assinante 63688, 5.000\$00; assinante 9217, 10.000\$00; Amadora, assinante 45872, mais um cheque com palavras de muito ânimo.

Fiães, o habitual. Assinante 6762, 2.000\$00; Edla, 5.000\$00. J.R.D., 4.000\$00; anónima, de Peniche, 5.000\$00.

De Coimbra, 2.000\$00.

Aproveitamos informar Maria Filomena que não temos literatura de S. Francisco de Assis. A nossa, são os livros de Pai Américo — leitura que nos leva ao mundo dos Pobres.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

Casal vicentino

## SETÚBAL

# Delinquência juvenil

VEIO há dias um pequenino de oito anos aqui trazido por dois homens da Polícia.

Há vários meses que a Comissão de Protecção de Menores me havia pedido para dois irmãos. Ambos andavam na rua e, por lá, passavam semanas seguidas sem irem a casa.

Ninguém sabe da mãe que, segundo informações, vive da e na prostituição. Negócio próspero e abundante para tanta boíte que, por aí, se abre a torto e a direito contanto que haja dinheiro para o licenciamento, e se encontre um lugar onde não incomode a vizinhança.

Primeiro veio o mais velho que se encontrava, com um grupo do seu tamanho, a arrancar ervas, no meio do milheiral, ao fundo da quinta.

A notícia foi tão célere que em dois minutos já os manos estavam juntos comigo no escritório e os dois polícias.

— Olhe que ele ontem assaltou e danificou seis automóveis! — acusava o guarda, dirigindo-se ao pequenito recém-chegado...

O miúdo olhou para ele, perfilou-se e, fixando-me,

apontou com o dedo indicador da mão direita e respondeu arrogante: — *Não foram seis, foram sete!* Procurei disfarçar a graça e a dor que a atitude havia provocado em mim e adiantei:

— Então não cumprimentas o teu mano?!

Resposta pronta e decidida: — *Olha!... Ele há mais de cinquenta anos que não vai a casa!...*

Retorquiu o mais velho: — *Eh... pá...! Olha que desta vez foram só quinze dias!*

Entregues a uma avó incapaz de educar a mãe, como pode agora guiar os netos?

Filhos de progenitores diferentes estes meninos nasceram e cresceram até agora, como as silvas nos matagais. A rua é o seu habitat preferido.

Já fugiram e já voltaram.

Esperamos que a Casa do Gaiato com a sua amplitude e simplicidade naturais lhes forneça elementos atractivos capazes de os cativar.

Como é bom para a sociedade tão dissoluta encontrar estes oásis reconfortantes das suas vítimas!

Como é animador sentirmo-nos agentes do reequilíbrio destas crianças! Só

olhar para eles paga todas as incompreensões e sacrifícios que a nossa vida exige! Faz-nos levantar as mãos e o coração em sentimentos de agradecimento ao nosso Deus pela vocação a que nos chamou.

Tem andado pr'áí um barulho enorme com a delinquência juvenil e infantil!

Os políticos gritam às armas! Parecem os bombei-

ros a apagar fogos que eles mesmos tivessem ateado.

Todos sabemos que os fogos se devem prevenir e que os incendiários não podem andar à solta. De contrário, morremos todos queimados.

A coberto da liberdade promove-se toda a libertinagem, legalizam-se as práticas mais degradantes da natureza humana e entregam-se a educação da adolescência ao vazio de princípios e de autoridade e o resultado está aí com toda a evidência.

Ninguém acredita que é com mais forças policiais que se consegue a segu-

rança das pessoas e bens. Sabemos que não. É como a guerra. Ninguém ganha uma guerra com outra guerra. É preciso ir às causas, às origens, à raiz.

Os responsáveis afirmam-no, mas não o fazem. Pegam os problemas pelo aspecto mais fácil. Ao gérmen ninguém vai. E os dividendos políticos que se perderiam a curto prazo?...

Temos uma legislação muito distante da realidade. Qualquer ajuntamento tem o nome e o estatuto de família como se para ser família bastasse o ajuntamento. Não basta às infelizes crianças o peso cromossomático, é que

ainda ficam totalmente entregues à rua!...

Alguém falou de revolução. Neste capítulo da vida, a Obra da Rua fez uma revolução e continua a fazê-la, mas com muito pouca aderência.

Temos, em Portugal, Casas do Gaiato que chegam para se mostrar como acudir à criança da rua. Basta que outros façam o mesmo e do mesmo modo: — Dêem a vida pelas crianças; acolham-nas como seus filhos; e amem-nas como se nascessem da sua carne e na sua casa!...

De outro modo continuamos com paliativos, criando estruturas que só aproveitam a quem nelas se emprega, vedando os olhos aos menos conscientes

Padre Acílio

## Padre Horácio

Continuação da página 1

verificaram que o seu Mestre não tinha onde pousar a cabeça». Mesmo assim, chamados, eles foram. Com Padre Horácio passou-se da mesma sorte: porque chamado, veio... e ficou.

Medo?...! — Todos os dias nos trazem um renovado medo: o da cruz em que havemos de pegar em cada dia. A humanidade pode estremecer e estremece; mas a força do chamamento e a certeza de Quem nos chama, vence todas as fraquezas.

Lá no Céu, Padre Horácio há-de ser um muito particular advogado das nossas vocações. Ainda há pouco chegaram duas, mas ele sabe bem quantas mais são necessárias. Ele há-de suplicá-las com o merecimento da decisão e firmeza com que respondeu à sua, ao longo de cinquenta anos de vida que, desde então e para sempre, deixou de considerar sua.

Padre Carlos



A Alfabetização é uma porta para a saída da pobreza, da miséria.

## BENGUELA

# Alfabetização

VENHO de Benguela com os meus olhos cheios de crianças. Não podem conter mais. Sempre que subo o morro ou entro nos bairros, há crianças por toda a parte. As Escolas estão superlotadas. Uma grande percentagem não entra no circuito escolar. Estou a vê-las, deste cantinho de Portugal, aonde vim buscar um pouco de repouso e energias novas para a peregrinação que só termina quando a vida estiver gasta.

Em Portugal, algumas Escolas fecharam porque não há crianças que as frequentem. Vejo professores à busca de colocação. Há dias, dois jovens vieram ter comigo a pedirem para ir leccionar em Angola. Têm curso superior. São bons, com vontade muito grande de trabalhar na Educação, lá onde for mais preciso. Não pedem nada de extraordinário. Pedem, isso sim, que não sejam aban-

donados pelo Ministério da Educação; que o tempo em que lá estiverem lhes seja contado; e, quando regressarem a Portugal, encontrem a porta aberta para continuar a sua missão de professores. É preciso que a Nação mereça estes filhos e seja justa para com eles! Estou convencido de que outros mais estão dispostos a dar a sua colaboração. Se for necessário um estímulo da parte dos Ministérios da tutela, porque não? É preciso sair dos gabinetes e descer ao terreno. É preciso que os discursos não sejam somente políticos, mas feitos a partir da realidade.

Quando se fala de cooperação, há que ter em conta o povo e as suas necessidades reais. A cooperação mais humana faz-se com pessoas, nas áreas em que as pessoas são mais sensíveis. Portugal quer e deve estar presente agora e no futuro, em Angola. Tem de entrar no coração do povo e ficar. O povo será de quem mostrar que o ama: na saúde; na educação; no pão de cada dia; na assistência — lá onde ninguém vai.

A Obra da Rua quer caminhar com o povo. Dá a mão aos pais na Alfabetização. Dá a mãos aos filhos na Escola. Ajuda uns e outros a abrir a porta para o desenvolvimento.

Padre Manuel António

# Moçambique

Continuação da página 1

aliás pode ser uma vantagem. Há jovens com emprego razoável que têm à sua conta irmãos e pais e se vêem impossibilitados de melhorar no mínimo as suas condições de vida. Outros, com uma incapacidade atávica de amear qualquer coisa para constituir família, ficam numa vida errante.

O acesso à habitação digna é praticamente impen-sável. Conheço três professores do Secundário, casados e com filhos que têm de partilhar uma mesma casa. Acontece o mesmo em muitos prédios da Cidade onde é um quarto por família. Lembra o Barredo daqueles tempos. Um quarto, uma família; uma cama, um monte de roupa suja a um canto e o fogareiro na janela ou à porta entreaberta para o interior. Muito pior em todos os sentidos que uma barraca.

Há dias, um dos nossos foi à procura de sua mãe. Veio aflita e chorou muito ante a perspectiva de o filho ir viver com ela. Com a reestruturação que está em curso em muitas empresas, agora privatizadas, foi despedida: — *Ele viu, quando chegou lá, que eu não tinha nada para comer.*

Há muitas pessoas com encargos de família grandes, arrastando o dia-a-dia em empresas que correm o mesmo risco; outras, que não recebem salário há muitos meses. A tal evolução económica é violenta, tão violenta como selvagem em muitos casos e traz necessariamente uma grave apreensão pela estabilidade não conseguida e na prática vai gerar perturbações sociais graves que só a polícia não contém.

Ora, nós queremos preparar os nossos rapazes com capacidade dinâmica para ultrapassar a barreira da penúria crónica do Povo moçambicano. Afigura-se que vai sobrar muito pouco para muitos. O comando, agora electrónico, da chamada economia global, que só encaixa os baixos salários regionais e deixa os outros em contas bancárias de tramitação rápida, não está interessado no desenvolvimento real dos recursos humanos que Moçambique, na sua fragilidade económica, mais precisa.

Padre José Maria

## Calvário

Continuação da página 1

e mandou-o prosseguir caminho. Elias subiu ao monte Horeb e, aí, aguardou que o Senhor se lhe revelasse para lhe restituir as forças. Passou um vento rijo e impetuoso, mas o Senhor não estava no vento. A terra estremeceu, mas o Senhor não estava no tremor de terra. Veio um fogo, mas nele também não estava o Senhor. Um murmúrio de brisa leve passou e o Senhor veio e deu-lhe alento e coragem.

Há festa nas proximidades. Estou a escutar o estrondo dos foguetes no adro da igreja. Estalidos secos que amedrontam. Os altifalantes vomitam pregões e melodias. A multidão faz alarido com risos e palmas em torno do padroeiro. Não consigo, contudo, descortinar o Senhor nesta algazarra e neste barulho. Ele anda por outros lados mais discretos.

O pobre doente, a meu lado, mostra aflição e geme. No murmúrio deste doente percebo que o Senhor está perto e se aproxima para levar quem é considerado apenas como um «caso social».

Pego na mão do doente e encontro-a fria.

— Quer que lhe traga alguma coisa? Um chá quente? — pergunto.

— Já nem merece a pena. Não insista que Deus está a chegar para me levar.

Vale a pena acreditar na presença amiga de Deus, quando já ninguém nos pode valer. Ele vem sempre, silenciosamente, ao encontro dos gemidos do Homem.

Padre Baptista